

— CONEXÃO —

FEAL 

#34



Outubro 2024

INTOLERÂNCIAS

Equipe editorial

Adriana Pontelli

Diretora de Publicações da FEPAL

Psicanalista da Associação Psicanalítica de Córdoba (APC)

Alicia Ángeles Ramírez

Analista em formação na Sociedade Peruana de Psicanálise (SPP)

Cecilia Moia

Psicanalista da Associação Psicanalítica Argentina (APA)

Carolina García

Editora-chefe da Calibán

Psicanalista da Associação Psicanalítica do Uruguai (APU)

Lúcia Palazzo

Diretora Adjunta de Publicações da FEPAL

Psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)

Marina Massi

Coordenadora Científica da FEPAL

Psicanalista da Sociedade de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)

Natalia Mudarra

Psicanalista da Associação Panamenha de Psicanálise (APAP)

Ximena Méndez

Psicanalista da Associação Psicanalítica do Uruguai (APU)

Walter Eduardo Lisboa

Tradutor

Leo Mangiavacchi

Designer gráfico / Designer de diagramação

Pinturas de **Alejandro Avakian**, artista plástico. @alejandro_avakian

Capa: "Los estadios de la conciencia" (2009). Óleo sobre tela, 200x200cm.

Páginas 5 y 14 (detalhe): "Humanidad" (2008). Óleo sobre tela, 200x200cm.

Páginas 6 (detalhe), 9 (detalhe) y 22: "Adios" (2008). Óleo sobre tela, 200x330cm.

Editorial

Quando a estrangeiridade do outro se torna irreduzível

Quando a estrangeiridade do outro se torna irreduzível, nos múltiplos semblantes de alteridade, a espiral da intolerância aumenta e assume suas mais variadas formas em confrontos, polarizações, desqualificações e políticas totalitárias.

É por isso que Umberto Eco examina a natureza incorrigível da intolerância com uma minúcia microscópica, alertando que, se ela se torna uma ideologia, é tarde demais para combatê-la, e aqueles que deveriam estar lutando contra ela acabam sendo suas primeiras vítimas.

Quando se trata de vítimas, não é coincidência que tenhamos escolhido publicar nossa mais recente *Conexão FEPAL* 532 anos após a colonização da América. Há uma relação íntima entre o colonialismo e as formas contemporâneas de racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância sofridas por africanos, pessoas de ascendência africana, pessoas de origem asiática e povos indígenas.

Os efeitos do colonialismo incluem a degradação ambiental, o subdesenvolvimento econômico, o perfil racial, o racismo sistêmico e as infraestruturas sociais inadequadas, resultando em acesso desigual à saúde, à educação e à justiça social.

Essa situação ocorre quando o Outro dentro do coletivo falha em seu papel de mediador e regulador, e o cenário social é monopolizado por figuras onipotentes, que podem ser doutrinas, ideologias ou regimes. Nesse contexto, os indivíduos se veem privados de um Outro e de um outro, e seu espaço psíquico é colonizado por um excesso de realidade.

Foi esse mesmo excesso de realidade que levou Gustave Flaubert, em sua obra literária, a se perguntar como proceder esteticamente com a realidade ignóbil? E é nessa direção que escolhemos Alejandro Avakian, artista argentino de ascendência armênia, cuja obra coloca permanentemente em

ação a pergunta do escritor francês. Por meio de uma exploração plástica intensa e extensa, o pintor convida o espectador a confrontar a dor, a angústia e a memória coletiva, desafiando assim a indiferença e a intolerância em relação ao sofrimento dos outros. A cor comanda por meio de uma paleta intensa e furiosa, que, em contraste com brancos sutis, cria composições que não seguem uma narrativa clássica; ao contrário, por meio de manchas e traços, surgem figuras e rostos que pedem uma nova leitura.

Selecionamos para representar este último número da conexão FEPAL três de suas obras, na capa "Os Estágios da Consciência" e no interior, "Humanidade" e "Despedida", todas produções em óleo sobre tela.

Na seção **Perspectivas**, três psicanalistas abordam a intolerância, enfocando diferentes áreas que vão desde o micromundo da situação analítica, passando pelo institucional e por certos fenômenos sociais, até um universo territorial e histórico mais amplo, na tentativa de refletir sobre os genocídios dos povos nativos dos países transandinos.

No trabalho "A intolerância como resposta inconsciente ao intolerável da pulsão de morte", Marcos Posadas leva suas indagações ao coração da prática analítica e propõe pensar "a intolerância como um indicador contratransferencial de preconceitos internalizados no psicanalista". Esse ponto cego que é um obstáculo na clínica também está presente nas instituições psicanalíticas que "não ficaram imunes ao vírus da intolerância, conjugado em suas discriminações interseccionais: racismo, classismo, fobia aos grupos LGBTQ+", comenta Jorge Bruce. Em seu artigo "Ça va (Tudo bem)", ele também destaca a "invisibilização dos dramas dos latino-americanos pertencentes às classes despossuídas". O autor adverte que a discriminação racista não será erradicada porque está "enraizada em vários períodos de nossa história pessoal e coletiva". Nesse sentido, Pablo Santander, em seu texto "Sobre la intolerancia. Pensando em um genocídio" aponta como a evidente crença onipotente de uma cultura sobre outra, com uma clara desqualificação, contribui para uma destruição ativa ou passiva desta última. Certamente, o ataque à identidade e a desqualificação da cultura levam à desumanização que está na base de todo genocídio.

Irene González Quintana, médica e estudante de antropologia, compartilha algumas de suas experiências de trabalho com uma comunidade atacama, no noroeste da Argentina, na seção **Intersecções**. A autora intitula seu trabalho com uma frase de uma jovem atacamenha: "Venho dizer-lhes...". Dessa forma, ela faz com que algumas mulheres recuperem a voz silenciada pela intolerância que se aninha em algumas sociedades patriarcais ancestrais.

Nesta edição de **Conversações**, fechamos o ciclo de 7 entrevistas "Em língua viva, FEPAL hoje" com a entrevista da Diretora de Publicações, Adriana Pontelli, a cargo de Ximena Méndez. Ambas, em um clima agradável e de confiança, falam sobre os projetos realizados durante a gestão, e sobre o

desafio de exercer as funções de comunicar, relacionar e publicar nos diferentes canais da FEPAL, a fim de levar o pensamento psicanalítico a um maior número de pessoas e colaborar na transmissão da psicanálise.

Em **Marcadores de Calibán**, Eloá Bittencourt Nóbrega apresenta alguns títulos anteriores desta revista, onde os leitores poderão investigar o tema desta Conexão. Ele também antecipa o próximo número da Calibán, intitulado "Intolerâncias", e esclarece: "A intolerância é plural". É por isso que acreditamos que uma realidade tão complexa merece múltiplas abordagens.

Convidamos vocês a percorrermos as páginas desta edição, esperando que suas ideias e reflexões provoquem um movimento de pensamento. Boa leitura.

Adriana Pontelli y Cecilia Moia



Perspectivas

A intolerância como resposta inconsciente ao intolerável da pulsão de morte

Por **Marco Posadas***

Numa perspectiva psicanalítica, a intolerância na contratransferência pode ser usada como um indicador para o analista de que a capacidade de mentalização (Fonagy) tanto do psicanalista como do paciente, está em risco de colapso. A existência de um ponto cego na contratransferência – qual seria a impossibilidade de pensar na intolerância vivida durante a situação analítica – funciona na mente do analista como um bastião, atrás do qual se escondem preconceitos internalizados (Cassorla, 2005). Nesse sentido, a investigação de Hayes, Gelso e Hummel (2011) sublinha a importância de uma gestão sofisticada das emoções intensas na contratransferência. Esse bastião, sustentado por nossos próprios preconceitos, sequestra nossa capacidade de pensar sobre a gestão de emoções intensas nas dinâmicas transferenciais e contratransferenciais – o que limita nossa capacidade de metabolizar a violência inerente a preconceitos como o racismo e a homotransfobia –, atua como uma obstrução em nossa técnica de empregar a regra da abstinência, e enrijece a flexibilidade com que sustentamos uma neutralidade psicanalítica ou não opressiva.

Acreditar que o fato de sermos psicanalistas nos liberta do impacto dos preconceitos em nosso trabalho teórico e clínico pode ser um bastião, que nos coloca em risco de iniciar uma repetição traumática, ou enactment, como é conhecida na América do Norte (Chused, 1991; Jacobs, 1986). É por isso que o trabalho psicanalítico com os racismos, a homotransfobia (Saketopoulou & Pellegrini, 2023) e outros tipos de preconceitos (Young-Bruehl, 1996) na clínica psicanalítica exige uma atenção rigorosa na contratransferência, para saber quando calar (regra da abstinência) e para subtrair o útil da intensidade em nossa

contratransferência, a fim de aumentar a eficácia de nossas intervenções face a algo que definimos de antemão como intolerável para o analista.

Desde a clínica psicanalítica do preconceito, concordo com José Bleger que nosso foco está no psicanalista e em sua técnica; neste caso, a expansão da capacidade do analista de simbolizar e metabolizar a violência a que nossos pacientes racializados sobrevivem e/ou como membros e candidatos em instituições psicanalíticas. Tecnicamente, proponho que se pense na intolerância como uma resposta antagônica ao intolerável da pulsão de morte. Isso pode ajudar-nos a refletir sobre o impacto que a intolerância pode ter na vida institucional e no desenvolvimento do conhecimento psicanalítico. Tenho um grande interesse em pesquisas sobre o impacto dos preconceitos que os psicanalistas têm em suas reações, compreensão e formulações teórico-clínicas, ao trabalharem com pacientes que são rotulados, no setting analítico, como intoleráveis.

Tanto a identidade de gênero como a sua expressão são terreno fértil para a intolerância. De acordo com a Comissão Nacional de Direitos Humanos do México (2018), a tolerância é definida como o respeito pelas diferenças de crenças, e o comportamento tolerante é descrito como "um discernimento individual para respeitar e aceitar as diferenças raciais, políticas, sexuais e sociais dos outros" (p. 7). Esta definição vem da Declaração de Princípios de Tolerância (1995) da Organização Mundial de Saúde (OMS). Assim, pensando psicanaliticamente, a intolerância é a incapacidade do sujeito do Inconsciente de respeitar e reconhecer o que é diferente no ambiente e em seu entorno. Essa incapacidade inclui a incapacidade de reconhecer e respeitar as diferenças dentro de si mesmo. A intolerância é não ser capaz de testemunhar, legitimar e estar presente com o que representa para nós o diferente, vivido como intolerável.

Tomando de empréstimo a definição de "tolerância" do filósofo francês Ricoeur (1996a, 1996b) – que a define como uma virtude individual e coletiva, exercida no espaço entre a intolerância e o intolerável – podemos ver a mais-valia positiva prescrita à tolerância como virtude. Para compreender o poder da intolerância na clínica psicanalítica e o seu papel como indicador contratransferencial de preconceitos internalizados no psicanalista, considero necessário pensar a relação econômica (libidinal) entre a intolerância, o intolerável e a tolerância. A intolerância com valor agregado negativo (-) seria um indicador contratransferencial da resposta ao que não podemos tolerar em nossa clínica; o intolerável, como um plus de gozo ou como objeto abjeto, qualificado como demasiado ou monstruoso (+); e a tolerância, um espaço não neutro mas neutralizado, um espaço remanescente da diferença entre a metabolização da violência inerente à intolerância e o violento do intolerável ($\neq 0$). Ou seja, ao contrário de Ricoeur quem define a tolerância como uma virtude (valor positivo),

a tolerância, do ponto de vista psicanalítico, é a capacidade de sustentar de forma flexível a neutralidade psicanalítica ou não opressiva, que anda de mãos dadas com a eficácia com que usamos a regra da abstinência, e a nossa capacidade de nos calarmos quando necessário, mesmo que isso nos pareça intolerável.

A capacidade do analista de pensar a intolerância na contratransferência reforça a sua capacidade de metabolizar a violência e de não atuá-la no setting analítico. O que não pode ser dito é atuado e, neste caso, a violência intolerável para o analista é geralmente projetada no paciente intolerável, desumanizando-o e rotulando-o de monstro (homotransfobia), ou objetificando-o (como no caso do racismo anti-negro e anti-indígena, a favor da supremacia branca). A regra da abstinência e a neutralidade psicanalítica são recursos técnicos úteis na prevenção de repetições traumáticas derivadas de ações racistas, homotransfóbicas ou heteronormativas do psicanalista, quando este sai do seu lugar e funciona como agente do superego, reforçando estereótipos moldados por preconceitos. Deixamos de ouvir nossos pacientes, quando esperamos ser convencidos pelos pronomes dos nossos pacientes trans, e/ou nos beneficiamos dos efeitos que a supremacia branca tem no trabalho psicanalítico: o branqueamento da neutralidade psicanalítica leva-nos a erradicar violentamente o diferente em nossos pacientes.

* RSW, MSW, PhD. *Psicanalista da Sociedade Psicanalítica Canadense e da Associação Psicanalítica Mexicana. Foi presidente inaugural do comitê de estudos sobre diversidade sexual e de gênero da IPA. Seu trabalho se concentra no preconceito do psicanalista e seu impacto no campo analítico.*

Referências

- Cassorla, R.M. (2005). From bastion to enactment. *International Journal of Psycho-Analysis*, 86(3), 699-719
- Chused, J.F. (1991). The Evocative Power of Enactments. *Journal of the American Psychoanalytical Association*, 39, 615-639
- Farley, L., & Kennedy, R. (2020). Transgender Embodiment as an Appeal to Thought: A Psychoanalytic Critique of "Rapid Onset Gender Dysphoria". *Studies in Gender and Sexuality*, 21(3), 155-172. <https://doi.org/10.1080/15240657.2020.1798184>
- Hayes, J. A.; Gelso, C. J. & Hummel, A. M. (2011). Managing countertransference. *Psychotherapy*, 48(1), 88-97. <https://doi.org/10.1037/a0022182>
- Hayes, J. A. (2004). The Inner World of the Psychotherapist: A Program of Research on Countertransference. *Psychotherapy Research*, 14(1), 21-36.
- Hinshelwood, R. D. (2007) Intolerance and the Intolerable: The Case of Racism. *Psychoanalysis Culture and Society*, 12, 1-20
- Jacobs, T. J. (1986). On Countertransference Enactments. *Journal of American Psychoanalytical Association*, 34, 289-307
- Klein, M. (1957). Envy and Gratitude. *The International Psycho-Analytical Library* 104, 176-235

Posadas, M. (2018). Tiresias and his trouble with ambiguity in gender. *The Undecidable Unconscious: A Journal of Deconstruction and Psychoanalysis*, 5, 93–106.

Posadas, M. (2023). How do Psychoanalytic Mental Health Clinicians' Reactions, Understandings and Formulations Shape Their Work with Gender-Creative LGBTQ+ Clients? [Doctoral Dissertation, Smith College School for Social Work]. ProQuest Dissertations and Theses Database.

Ricoeur, P. (Ed.). (1996a). *Tolerance between Intolerance and the Intolerable*. Berghahn Books.

Ricœur, P. (1996b). The Erosion of Tolerance and the Resistance of the Intolerable. *Diogenes*, 44(176), 189–201. doi:10.1177/039219219604417621

Saketopoulou, A. & Pellegrini, A. (2023) *Gender without identity*. The Unconscious in Translation.

Young-Breuhl, E. (1996). *The Anatomy of Prejudices*. Harvard Press.



Ça va (Tudo bem)

Por *Jorge Bruce**

*Não me sinto à vontade nem com o geral nem com o particular:
estou satisfeito apenas com seu ponto de união.*

Tzvetan Todorov

A intolerância pode variar, sem escalas, desde a intolerância à lactose ou aos frutos do mar até o racismo; desde a intolerância ao glúten até a fobia de grupos LGBTQ+; da glicose até o ódio a uma posição política específica. Ela sempre existiu, mas nunca conseguimos enxergá-la tão claramente como em nossos dias. O motivo pode ser a disseminação descontrolada e não filtrada das redes sociais. No entanto, também podemos nos perguntar se não está ocorrendo uma somatização social massiva, devido à nossa incapacidade de fazer coexistir ideias e afetos, simultaneamente opostos em nossas mentes atribuladas. Na América Latina, cuja turbulência política e social nunca decepciona, o fenômeno uiva em silêncio, como o grito na ponte pintado por Munch, com uma combinação inextricável de dor, terror e raiva.

Pensemos nas centenas de milhares de latino-americanos que se aventuram pelos perigos atroztes da selva de Darién, no Panamá, tentando chegar aos EUA, na esperança de conseguir driblar as gangues de assaltantes, as cercas de arame farpado, as patrulhas de fronteira e os coiotes que, muitas vezes, os abandonam no meio do nada. Eles sabem que estão indo para um lugar onde não são bem-vindos; no entanto, eles empreendem essa jornada extremamente arriscada devido à impossibilidade de sobreviver em sociedades violentas e excludentes. Em seu livro *Ñamérica*, o argentino Martín Caparrós faz um relato dessas viagens mais perigosas do que as de Colombo, viagens que ele conhece a fundo porque as fez fazendo jornalismo gonzo. São pessoas que passam de uma intolerância para outra. Em seus próprios países,

são pessoas discriminadas e excluídas. Sua epopeia não é cantada pelos Homeros de nosso tempo, porque os protagonistas são os que Fanon chama de "os condenados da terra". Os insignificantes que não merecem ser os heróis de sua peripécia. Se conseguirem chegar vivos ao seu destino, continuarão sendo não tolerados, mas, se tiverem sorte, seus filhos viverão melhor do que eles. É como uma hipoteca que é paga em duas ou três gerações.

Em "O Diabo", uma canção de Jacques Brel, o diabo sai do inferno e visita nosso mundo. Voltando ao fogo eterno ("ali", diz Brel), depois de um grande banquete, o diabo se levanta e faz um discurso. A letra da música resume em duas palavras o teor do mesmo: *Ça va* (Tudo bem). "Os homens se divertem como loucos com os perigosos jogos de guerra: *Ça va!*". Se o diabo de Brel, em vez de ir a Paris, tivesse vindo ao nosso subcontinente, talvez tivesse falado sobre o conhecido "trem da morte", no qual os imigrantes ilegais viajam no teto, atravessando o México. A canção do belga descreve com concisão impecável o trabalho da pulsão de morte. A desvinculação, o efeito buscado por essa pulsão, vai bem.

Não é por acaso que mencionei a ausência de cantares de gesta nessas viagens desesperadas. Em seu livro *La Déliaison* (A desvinculação, 1992), André Green coteja a psicanálise com a antropologia e a literatura. "O analista, a partir dos traços que permanecem acessíveis ao seu olhar-escuta, não lê o texto, ele o *desvincula*. Quebra a secundariedade para encontrar, abaixo dos processos de vinculação, a desvinculação que a vinculação encobriu. A interpretação psicanalítica tira o texto de seu sulco (delirar= tirar do sulco)" (p. 20)¹.

Nosso problema é que nos faltam – com exceções como o texto de Caparrós acima mencionado – narrativas extraordinárias como a de Arthur Gordon Pym, de Poe. Essa invisibilização da situação dramática dos latino-americanos pertencentes às classes despossuídas e ignoradas é, em si, um sinal de intolerância e, portanto, de desvinculação. Não queremos vê-los, não queremos saber, não queremos identificá-los por medo de nos identificarmos com eles e, em última análise, por medo de nos conectarmos com os aspectos mais desvalorizados do nosso foro íntimo.

As instituições psicanalíticas não ficaram imunes ao vírus da intolerância, conjugada em suas discriminações interseccionais: racismo, classismo, fobia

¹ Tradução de : « L'analyste, à partir des traces qui demeurent offertes à son regard-écoute, ne lit pas le texte, il le délire. Il brise la secondarité pour retrouver, en deçà des processus de liaison, la déliaison que la liaison a recouverte. L'interprétation psychanalytique sort le texte de son sillon (délirer = mettre hors du sillon) ».

de grupos LGBTQ+, e outras. Durante a maior parte de nossa história institucional, se tivéssemos recebido a visita do diabo, seu discurso no inferno teria transmitido a mesma satisfação que o citado acima. Contudo, nos últimos tempos, surgiram motivos para abrigar esperança comedida.

Em Cinza, um livro recente, o filósofo Peter Sloterdijk analisa o que chama de cor da contemporaneidade. Citando a frase atribuída a Cézanne: "Enquanto não se tiver pintado um cinza, não se é pintor", acrescenta a afirmação complementar: "Enquanto não tiver pensado o cinza, não se é filósofo". Poderíamos muito bem nos juntar ao coro e afirmar: "Enquanto não tiver analisado o cinza, não se é psicanalista". O cinza é a cor que nos redime das dicotomias maniqueístas ou, se preferir, esquizo-paranoicas. Não é apenas a cor da contemporaneidade, como legenda o filósofo alemão, também representa o ponto de união entre o preto e o branco, o lugar preferido de Todorov: o ponto de encontro entre o geral e o particular, ou entre o hegemônico e o marginal.

Eu disse que existem motivos para abrigar uma esperança frágil, mas, como Emily Dickinson nos lembra, com penas. A IPA nomeou um Comitê contra a discriminação e os preconceitos, presidido por Abel Fainstein. Os institutos de muitas sociedades ao redor do mundo estão se esforçando para desfiar esse emaranhado intolerante que parecia inexpugnável. Hoje, são aceitos candidatos que não são heterossexuais. Deixei deliberadamente esta última oração em todo o esplendor de seu ridículo, para que não esqueçamos de que abismos de intolerância estamos tentando sair. É por isso que a esperança deve ser temperada, ou seja, submetida ao temperamento. De acordo com o Dicionario del Español Actual (Manuel Seco et al., 1999), o "temperamento", na música, consiste na afinação igual dos intervalos acústicos; e para a palavra "temperado", oferece o seguinte exemplo tirado de Manuel Valls: "É uma música... que nos parece desafinada, o que não é verdade para o público a que se destina, mas é verdade para o ouvido ocidental, 'viciado' pela uniformidade e quase imobilidade de nossa afinação temperada" (p. 4277).

Esse ouvido ocidental, viciado pela uniformidade e imobilidade de uma afinação temperada, remete para um contexto musical. No entanto, não é difícil "ouvir" outras ressonâncias nessa definição. Estamos nos aventurando timidamente no que viria a ser uma exploração de um território não mapeado, ouvindo música que nos parece, inversamente à definição anterior, dissonante, alheia, estranha. E inquietantemente familiar.

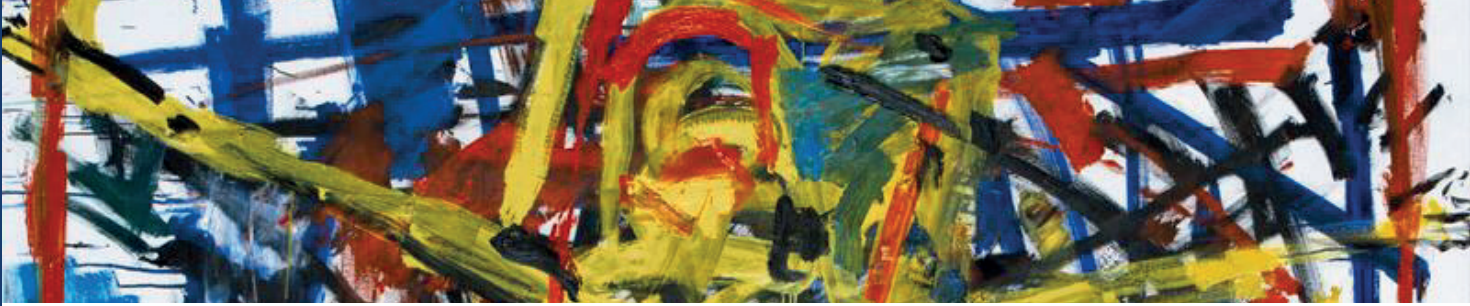
Em meu livro sobre psicanálise e racismo (2007), recorro ao passado mais-que-perfeito (Nos habíamos choleado tanto²) para – parafraseando o título do maravilhoso filme de Ettore Scola, “Nos havíamos amado tanto” – sublinhar um aspecto essencial da discriminação racista: como uma ação que “expressa uma ação passada anterior a outra, também passada”. É, portanto, uma ação enraizada em vários períodos de nossa história pessoal e coletiva e, portanto, não se deixará erradicar sem um esforço contínuo, corajoso e erótico. Assim que relaxarmos, o “natural” (é claro que é inteiramente cultural, daí as aspas) retornará a galope.

* *Psicanalista da Sociedade Peruana de Psicanálise (SPP). Mestre pela Universidade de Paris. Ex-membro do Conselho e da Comissão Executiva da IPA. Ex-presidente de CAPSA e do Comitê Científico do congresso da IPA sobre Infância. Autor de vários livros sobre psicanálise e sociedade. Colunista semanal do jornal La República.*

Referências

- Bruce, J. (2019). *Nos Habíamos Choleado Tanto. Psicoanálisis y racismo*. Lima: Penguin.
- Caparrós, M. (2021). *Ñamérica*. Madrid: Penguin.
- Green, A. (1992). *La Déliaison. Psychanalyse, anthropologie et littérature*. Paris: Pluriel.
- Seco, M.; Olimpia, A.; Gabino, R. (1999). *Diccionario del Español Actual*. Madrid: Aguilar.
- Sloterdijk, P. (2024). *Gris. El color de la contemporaneidad*. Madrid: Siruela.
- Todorov, S. (2005). *Nosotros y los Otros*. Buenos Aires: Siglo XXI.

² NdE. Na introdução do livro, o autor afirma que a expressão peruana “cholear” (tratar o outro como “cholo”: mestiço, indígena) é uma metáfora que funciona como concentração da discriminação racial, praticada continuamente e em todos os estratos sociais.



Sobre a intolerância. Reflexão sobre um genocídio

Por *Pablo Santander**

*"O erro foi acreditar que a terra era nossa,
quando, na verdade, nós somos da terra."*

Nicanor Parra (*Ecopoemas*, 1982)

Talvez algo que possa descrever as massas de pessoas em estado de regressão seja a intolerância. Freud descreveu isso em seu artigo "Psicologia das massas e análise do Eu" (1921), no qual, revisando diferentes autores da época, mostra como há uma intolerância e rejeição aos que não pertencem ao grupo, e como nesse grupo todos devem pensar da mesma maneira. A ideia dissidente é atacada como se fosse um ataque à unidade do grupo; é um ataque à identidade e à fantasia de fusão.

Essa descrição de Freud tem sido corroborada, recorrentemente, pela experiência e pela história de nossa humanidade em grupos em regressão.

Podemos pensar que a tolerância à alteridade é uma conquista do aparato mental, um desenvolvimento, que em estados regressivos se perde rapidamente.

Para abordar esse fenômeno, gostaria de relatar uma história triste do meu país, o Chile, mas acho que, infelizmente, esse tipo de evento pode ser encontrado na história de quase todos os países, de diferentes formas.

A região patagônica, no sul do Chile e da Argentina, antes da colonização espanhola, era habitada pelos povos Selknam, Yagan e Tehuelche. Contra esses povos nativos foi cometido um genocídio que, acredito, não foi elaborado até hoje. A cultura autodenominada "civilizada" acabou com a cultura nativa de várias maneiras: as empresas transnacionais de ovelhas – com muitos recursos

econômicos – pagavam pelas orelhas dos Selknam e Yagan que os caçadores lhes levavam para provar que os haviam matado; também exterminaram os guanacos, a principal fonte de alimento para esses povos; por fim, eles foram levados para reservas onde seus nomes foram mudados para nomes católicos, além de serem instruídos no idioma espanhol e na religião cristã.

Um dos argumentos para justificar essa ação era o de não considerá-los humanos; nesse sentido, um dos elementos é a desumanização¹. Outro argumento era o de considerá-los humanos, mas em um status civilizatório inferior e, portanto, necessitados de ser “aculturados”. Por esse motivo, recebiam um novo nome, tentando impor outra identidade, apagando sua própria identidade e cultura². Dessa maneira, os colonizadores reivindicam uma superioridade e o direito de impor a identidade supostamente superior, ou aquela que se pensava ser a correta. Também foi dito que os guanacos poderiam ser removidos e toda a terra poderia ser apropriada, já que pertenciam ao Estado chileno, sem considerar em nada as regulamentações povos nativos; a lei do Estado chileno era a que era válida, e os direitos de propriedade deste último eram supostamente os corretos. Pode-se apreciar a evidente crença onipotente de uma cultura sobre outra, com uma clara desqualificação e destruição ativa ou passiva da outra cultura.

Descrevo essas crenças subjacentes ao ato genocida para pensar que a alteridade é difícil de aceitar e respeitar como tal. Uma forma mais grosseira é a desumanização, mas outras formas mais sutis nos levam a atacar a identidade e a cultura dos outros, desqualificando-as, considerando que nossos valores ou sistemas de crenças são os únicos válidos. Essa crença onipotente está em função de uma defesa da própria identidade, que se vê ameaçada pela alteridade.

Desde nossa clínica psicanalítica, sabemos que a conquista de uma terceira posição – na qual seja aceita a exclusão e seja admitida a não posse da mãe e sua relação com outro – requer um trabalho psíquico de elaboração. As fantasias narcísicas estão sempre disponíveis para que, quando confrontadas com a alteridade, surjam crenças de superioridade ou de ter um direito maior de possuir nossa mãe terra, restando sempre uma ameaça regressiva para que essa separação, e não possessividade da alteridade, seja rejeitada.

Desta forma, podemos compreender as crenças de superioridade dos “civilizados” em relação a esses “irmãos mais novos”, aos quais é negada a humanidade,

¹ Foi assim que se justificaram os zoológicos humanos, de indígenas levados para a Europa, exibidos em gaiolas, apresentados como antropófagos. Sequestro humano, mostrado ao mundo abertamente, sem que fosse considerado um crime.

² Aqui parece exemplar a história de Jemmy Button, mencionada abaixo.

revivendo esse complexo fraterno, ou desvalorizando sua identidade, descartando ou negando sua cultura como inexistente ou primitiva, com a suposição de que eles não sabem e com a ilusão de que a mãe terra é nossa, contra o inadmissível de aceitar essa relação diferente dela, ou sentir que eles têm outras formas de relação com a terra/mãe, com outras normas/pai. É possível que o aparato mental haja sentido isso como muito desorganizador e que tenha gerado nele incertezas difíceis de tolerar.

A possibilidade de elaborar a alteridade é um trabalho que é realizado ativamente. Quando este é insuficiente ou sofre interferência, surge a intolerância. Nesse sentido, um bom exemplo é Ch. Darwin, um pensador notável, que revolucionou a visão de seu tempo, mas quando entrou em contato com os indígenas patagônios, ele os desqualificou. Isso aconteceu, por exemplo, com os patagônios que foram sequestrados pelo navio em que esse pesquisador viajava, o Fitz Roy. Um dos indígenas sequestrados (do povo Yagan) foi chamado de Jemmy Button, foi vestido à maneira inglesa, foi instruído no idioma e nos costumes ingleses. Depois de três anos, ele foi levado de volta para sua terra natal. Para surpresa dos marinheiros, esse yagan, já "educado", a primeira coisa que fez foi tirar as roupas e vestir-se como no passado, para recuperar sua identidade usurpada.

O chamado "impulso genocida", descrito por vários psicanalistas, seria um impulso que nossa espécie exigiu para sua sobrevivência (diria o próprio Darwin); porém, diante do desenvolvimento cultural, e da organização gerada pelo tabu do incesto, e da organização dos irmãos descrita em "Totem e Tabu" (1913), a intolerância gerada por esse impulso deve ser permanentemente elaborada, restando sempre o risco de regressões genocidas. É claro que, na compreensão de um fenômeno como o genocídio, a perspectiva psicanalítica não é suficiente; de fato, sendo um fenômeno complexo, ele exige percepções das diferentes áreas do conhecimento.

** Psiquiatra, psicanalista em função didática da Associação Psicanalítica do Chile (APCH). Atual tesoureiro da FEPAL. Acadêmico da Faculdade de Medicina da Universidade do Chile. Presidente da APCH entre 2020 e 2022. Diretor do Instituto da APCH entre 2022 e 2024. Representante da América Latina no Conselho da IPA entre 2017 e 2019.*

Intersecção

“Venho dizer-lhes...”

Por *Irene González Quintana*

Neste artigo, compartilho algumas ideias para pensar sobre a intolerância com base em minhas experiências como médico e estudante de Antropologia na comunidade atacama de Huáncar.

Reuniões anuais ao longo de 16 anos me levaram a consolidar gradualmente os laços com os habitantes deste canto desértico da puna de Jujuy, a 3.900 metros acima do nível do mar. Em 2008, cheguei a esse lugar como acompanhante de um grupo de estudantes do ensino médio, mas a falta de assistência médica na região me levou a colaborar com o agente de saúde local para oferecer consultas. Foi assim que entrei na comunidade. O contato contínuo ao longo do tempo permitiu que eu fosse reconhecida por eles como “la doctorita” [a doutorzinha].

Contudo, meu encontro com o feminismo e o ingresso no curso de Antropologia modificaram minha percepção dessa realidade, inicialmente romantizada. Aos poucos, foi surgindo em mim o interesse em conhecer a vida dessas mulheres, imersas em uma sociedade patriarcal ancestral, parada no tempo. Essa posição me permitiu ouvir histórias, não apenas na intimidade da consulta médica, mas também em meu trabalho de campo como observadora participante e, posteriormente, em espaços de maior envolvimento a partir de uma antropologia colaborativa.

Vale destacar que a inserção no cotidiano da vida comunitária me deu a possibilidade de me aproximar dessas mulheres silenciosas, com pouco convívio social, confinadas aos afazeres domésticos e ao cuidado dos filhos, também submetidas à violência sexual, quando os homens da aldeia costumavam “salir de gateada” [sair à espreita], entrando nas casas para estuprar as mulheres. Essas práticas, incentivadas pelo consumo de álcool¹ e naturalizadas como parte da cultura, encontraram algum limite com a

criação da primeira escola secundária em 2016, uma vez que permitiu as adolescentes e as jovens ("chinitas y jóvenes" na categorização da comunidade) tivessem algum acesso à ESI (Educação Sexual Integral), ampliassem os laços sociais e abrissem seus horizontes culturais com a chegada da Internet no mesmo ano.

Em diferentes conversas com as jovens, percebi o forte interesse que a maioria delas tinha pelo futebol, um interesse não reconhecido por "las doñas" (mulheres com companheiro), embora muitas delas tenham sido pioneiras na prática desse esporte. Essa atividade marginal em suas vidas foi ganhando um lugar relevante, para além das determinações culturalmente impostas, talvez como efeito de um laço social conquistado com a saída para o espaço público da escola e da quadra. Uma delas disse a seus colegas que, quando criança, jogava futebol com seus irmãos e, quando lhe deram uma boneca, ela arrancou-lhe a cabeça para chutá-la; essa foi sua primeira bola. Assumir o protagonismo em seu desejo as levou a se organizarem em equipes, a sistematizar os treinos, a propor a seus parceiros a necessidade de compartilhar as tarefas domésticas, pois estavam determinadas a participar de diferentes campeonatos de futebol feminino. A iniciativa ganhou tanta força que no dia 8 de março deste ano, no Dia Internacional da Mulher, organizaram um campeonato departamental que chamaram de "Copa Mujeres de la Puna" [Copa Mulheres da Puna]. O placar não foi favorável ao time da casa, o que levou o grupo de homens da aldeia a insultar tanto as perdedoras quanto as vencedoras do time visitante. Um e outras foram destinatárias de expressões como "A puta que as pariu". Dessa maneira,



¹ O alcoolismo na população masculina aumentou nos últimos anos durante os sete dias de recesso laboral, após os sete dias de trabalho nas minas de lítio. O salário semanal lhes ter algum dinheiro para a compra de bebidas alcoólicas.

estavam ofendendo as mulheres em um dia que era somente para elas, mas o egoísmo e a intolerância não lhes permitiram a reflexividade necessária para chegar a esse entendimento.

Além dos movimentos registrados no âmbito do futebol feminino, testemunhei a força transformadora que pode ser gerada por espaços de reflexão e escuta, habilitadores da palavra. Em 2018, diante da escalada da violência contra as mulheres, propusemos um workshop para falar sobre esse fenômeno. Das 350 mulheres da comunidade, apenas quatro participaram. Embora o número foi escasso, valorizo a importância daquele encontro quase íntimo, pois as participantes puderam falar sobre sua situação pessoal. No ano seguinte, compareceram nove. Pode parecer uma participação insignificante, no entanto, a julgar por seus efeitos, considero que não. Uma jovem, que havia permanecido em silêncio, aproximou-se no final da reunião e disse: "Eu não falei, mas venho dizer-lhes que mudaram minha vida. Eu fazia tudo o que meu marido dizia. Fui subjugada todo esse tempo. Quando ouvi que meu corpo é meu, a partir daquele momento pensei em conversar com meu marido. Eu fui e disse-lhe que não ia fazer nada que eu não quisesse". A quebra de seu silêncio a posicionou como sujeito, com tanta contundência que transcendeu a esfera familiar. Em 2023, no Dia da Pachamama, ela e três amigas se juntaram ao "Malón de la Paz" como representantes de Huáncar. Juntamente com mil pessoas pertencentes aos povos originários, marcharam para Buenos Aires e se instalaram por dez dias em frente à Suprema Corte de Justiça, para impedir uma emenda constitucional que favoreceria a superexploração do lítio e colocaria em risco um recurso vital como a água.

** Médica formada pela Universidade Nacional de Córdoba (UNC) em 1976. Formada em Pediatria no Hospital Pediátrico. Pós-graduada em Neonatologia na Maternidade Provincial. Chefe do Departamento Médico "Conselho de Proteção à Criança". Estudante de Antropologia na UNC, fazendo atualmente sua tese de graduação.*



Conversações



Adriana Pontelli, Psicanalista da Asociación Psicoanalítica de Córdoba (APC). Atual Diretora de Publicações da FEPAL (2022-2024).

Entrevista com Adriana Pontelli

Por **Ximena Méndez***

Nesta seção, apresentamos a última entrevista deste ciclo, realizada por Ximena Méndez com Adriana Pontelli.

Ela é licenciada em Letras Clássicas, em Psicologia e Psicanalista na Asociación Psicoanalítica de Córdoba. Foi coordenadora científica da APC e editora da revista Docta. Atualmente, é editora da Calibán e diretora de publicações da FEPAL.

Traçando uma ponte virtual entre Córdoba e Montevidéu, uma conversa agradável se desenvolve entre Adriana e Ximena.

Ambas comentam sobre o trabalho prolífico realizado nos últimos dois anos por uma equipe entusiasmada e comprometida. Elas nos mostram como, com base em uma política de comunicação inclusiva, assumiram o desafio de se comunicar, se ligar e publicar por meio de diferentes formatos, usando os diferentes canais da FEPAL.

A conversa lhes permitiu percorrer todos os projetos que realizaram e reconhecer a importância de trabalhar em equipe, reunindo a riqueza da diversidade em favor da transmissão de uma psicanálise latino-americana fecunda.

Assista no canal YouTube da FEPAL: <https://youtu.be/xzinqAYb1GA?si=RikQDLLPgWAZ0TXy>

* Psicanalista da Asociación Psicoanalítica del Uruguay (APU). Integrante da Equipe de Publicações da FEPAL.

Marcadores de Calibán

Intolerâncias

Por **Eloá Bittencourt Nóbrega***

Intolerância é plural. Rastilhos de intolerância são a origem dos acontecimentos de intolerância, sejam eles de cor, de gênero, de classe, à democracia, à psicanálise, aos cuidados climáticos etc., que se espalham pelo campo social, institucional, político e nas constituições subjetivas. Intolerâncias são acesas pelas fagulhas narcísicas da precarização, causando discriminação, hierarquias e destruição.

Com intolerâncias disfarçadas ou diretas, faz-se necessário que os psicanalistas atentem para a existência destas forças de abuso e dominação que excedem à violência e tentam apagar a alteridade.

Entre nós, autores e leitores de **Calibán**, contamos uns com os outros e com os temas das revistas e seções: o vigor, a reflexão, a pesquisa, o saber, a troca, a arte e não será diferente com **Intolerâncias**, 2024. Em edições anteriores, abordamos esse tópico a partir do olhar de diversos autores, tais como:

Calibán Tradição/Invenção Vol. 10 (1)

- Textual: *Balbuicio teórico e discurso fragmentário*. Entrevista com Hugo Achugar.
- Vórtice: *A transmissão da psicanálise*.

Calibán O que não se sabe Vol. 14

- Vórtice: *Turbulências na clínica psicanalítica*.

Calibán Intimidade Vol. 15 (1)

- Argumentos.
- Dossiê: *Hospitalidade*.
- Extramuros.

Calibán Mal Vol. 15 (2)

Calibán FemeninX Vol. 17 (1)

- Argumentos.
- Incidente.

Calibán Paixão Vol. 17 (2)

- Dossiê: *Figuras da Intolerância*.

Calibán O efêmero Vol. 18 (2)

- Dossiê: *Retorno da morte*.

Calibán O infantil Vol. 19 (1-2)

- Vórtice: *Feminicídio: A violência que você não vê*.

Calibán Como faremos para viver juntos? Vol. 20 (1)

Calibán Erótica Vol. 21 (1)

Calibán O inaudito Vol. 21 (2)

- Argumentos.
- O Estrangeiro.
- Extramuros.

Calibán Testemunhos Vol. 22 (1)

* *Psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ). Editora associada da revista Calibán.*

